



muitas roupas aqui

salma soria



Editora Penalux
Guaratinguetá, 2021



AQUI ESTAMOS, VESTIDOS

É muito estranho ver tanta roupa o tempo todo. Quando se atravessa a rua, quando se trabalha, quando se ama ou odeia alguém, sempre tem alguma roupa no meio. E essa é uma história sem moral porque há muita promessa: roupas de tecidos inteligentes, roupas dupla face, roupas sem costura, roupas sem gênero, roupas sem pressa, roupas sem agentes químicos, roupas sem escravos, roupas sem ditados. O mais comum é ver roupas sem futuro nenhum. Roupas sem ninguém. Existem roupas para tudo, incluindo para os que estão na margem. Geralmente, essas pessoas são humilhadas por estarem desarrumadas. Existe algum medo de que o desarrumado vá engolir o arrumado.



Roupas anunciam a frivolidade? Não, podem dizer alguns, roupas geram empregos e pesquisa numa cadeia criativa. Sim, podem dizer outros, roupas geram escravos, da mão de obra ao consumo. Entre o sim e o não, entre o corpo animal e o corpo vestido, entre o corpo que se dobra e o corpo despido, roupas têm a função de cobrir os nossos corpos e, ao mesmo tempo, vender ideias projetadas de corpos. Quer mais ficção que isso?

Toda vez que disserem que uma roupa não significa nada, pense na barbárie que é feita com os índios. Visualmente, devem parecer como aqueles que violentaram suas normas e costumes. Toda vez que alguém disser que roupa é uma possibilidade vazia, pense em quem tem o corpo negado das vestes essenciais aos instintos vitais, morrendo de frio.

A cada segundo, as roupas fornecem misteriosas respostas aos ângulos do tempo. Toda roupa é luta porque é a possibilidade da ruptura. Alguma roupa machuca porque não oferece a escuta. Alguma roupa desnorteia porque culpa. Alguma roupa é fuga. Alguma roupa é cura. Alguma roupa junta. Alguma roupa justa. Alguma roupa cobre. Alguma roupa descobre. Alguma roupa clara. Alguma roupa escura. Alguma roupa cara. Alguma



roupa barata. Alguma roupa sem graça. Alguma roupa que passa. Alguma roupa repassa. Alguma roupa disfarça. Alguma roupa esgarça. Alguma roupa espaço. Alguma roupa feita de aço. Alguma roupa escassa. Alguma roupa e a traça. Alguma roupa acentua. Alguma roupa que flutua. Alguma roupa recusa. Alguma roupa, alguma coisa, talvez blusa. Alguma roupa listrada. Alguma roupa estampada. Alguma roupa retaguarda. Alguma roupa trocada. Alguma roupa bordada. Alguma roupa usada. Alguma roupa decotada. Alguma roupa avariada. Alguma roupa plissada. Alguma roupa desbotada. Alguma roupa revoltada. Alguma roupa estúpida. Alguma coisa, alguma roupa, talvez única.

VESTE DESCONHECIDA

Abre o armário e olha para as roupas que nunca usou. Só as que ainda estão com etiqueta. Lembra de quando havia salário e emprego que encorajavam a compra de todas as coisas que um dia foram soterradas. O som da revolta popular ecoa. Em poucos minutos, o protesto vai passar em frente à janela. Deseja separar e revender tudo o que não usa, quer fazer a roupa circular. Encontra um vestido de festa bordado com canutilhos prateados.

— Aonde achei que iria vestida com isso? — se pergunta, bastante surpresa.

Foi o primeiro item que colocou na sacola de uso recircular. Acha uma calça jeans *flair* que nem cabia mais nela. Encontra também uma camisa da seleção brasileira da copa de 2014. “Tacar fogo”, anota em um papel.

Preocupada se haveria alguma outra camisa verde e amarela pelo armário, vasculha-o rapidamente e não encontra. Respira aliviada.

Acha uma veste que nem lembrava que tinha. Coisa tão alheia ao gosto, que duvidou se teria sido comprada, ou presenteada. Não pousavam sob a veste indícios de que aquilo lhe pertencia. Nenhum verbo que mora em coisas próprias, nenhum cheiro familiar para se reconhecer imediatamente, nenhum sinal de que seria para usar na rua ou em casa, nenhuma rota de vestígio, nem memória de prestígio, zero registro, zero.

A veste produz um estranhamento tão grande que ela corre para o banheiro e veste a peça. Tem que se lembrar. Percorre com os dedos todo o vestido, busca encontrar uma prova daquilo que podia ter amado. E nada. Se encara no espelho com o corpo submergido na roupa que desentedia. Tudo em torno da veste está alheio, mas o rosto não muda. Fala o próprio nome para acionar a si mesma:

— Verena.

O Azulejo do banheiro é azul, como a cor do céu. Olha longamente para a parede, descolando a retina do momento presente, escuta os ecos do protesto se



aproximando. Olha a imagem de si com distância emocional, deseja qualquer coisa que a ajude a esclarecer. Os gritos estão cada vez mais próximos:

— FORA! FORA! AGORA!

Verena também ajuda a gritar:

— FORA! FORA! AGORA! — cerra os punhos, levanta os braços e continua a se encarar no espelho. A veste continua sendo uma estranha. Zero memórias, zero acordo com a paz de se acostumar.

— FORA! FORA! AGORA! — Os gritos se tornam mais potentes.

Todos os vidros do apartamento estremecem. Verena vai para a janela e assiste ao protesto passar. Olha para os rostos que surgem gritando. Toneladas de pessoas cujas histórias e nomes desconhece, feições que não permanecem. Somente os gritos.

— FORA! FORA! AGORA!

Um dos líderes do protesto usa o megafone:

— Fora daqui, genocida! Queremos respirar! Comer! Trabalhar! Que os bilionários paguem pelo abismo!

Verena observa todas aquelas pessoas. Umas serão abraçadas com aplausos, outras com demolições. Os militares se aproximam, depositam toda a fé na pólvora.





Lunáticos passam com carros por cima de gente. Verena pensa em coisas que não possuem respostas: “O que é um milagre no meio de tanta guerra e caos? Queremos paz, queremos água, queremos algo, quebrems as vidraças e os carros? A dinamite transforma tudo em grão miúdo? Qual o próximo produto limpa-tudo? Estamos todos no mesmo planeta, mas o detemos? Que senha devo processar e parir na última hora? O que fazer, um comando de cubos? Eles estão atirando na cara de todo mundo?”

A força militar lança potentes jatos de água, spray de pimenta e bombas de efeito moral para dispersar a multidão. Armas não letais para a gratuita manutenção da lei e da ordem. Uns manifestantes revidam com porrolho feito de calça jeans molhada, atingindo os capacetinhos militares. Tontos, continuam a dispersar a multidão.

Verena retoma o pensamento para si. Nem sabe como a veste que usa foi parar ali. Nada foi possível. Se afasta da janela. Só quer tirar essa roupa, se sentar no sofá e beber um copo de água ou uma Coca-Cola gelada. Ainda não sabe, vai decidir.





www.salmatoria.com



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Sabon Next LT
Pro pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em outubro de 2021.
